

1

No caminho da vida

Por êste mundo há muito tempo que ando  
 Rumo incerto seguindo,  
 Ora sorrindo,  
 Ora chorando.  
 O pranto é mais frequente do que o riso,  
 E, assim, não julgo a terra um paraíso.

Não foi o meu caminho  
 Por solícito fado  
 De pedras desbravado  
 E forrado de arminho.

Embora mal armado para a luta,  
 Tive de abri<sup>l</sup>-lo com o meu frágil braço  
 Por entre a selva bruta  
 De almas hostís, de uma dureza de aço;  
 Mas, infringindo a lei da sorte avara,  
 Outras mais caridosas de ventura  
 Em minh<sup>a</sup> alma, que a dor cedo crestara,  
 Deixavam cair gotas de ternura.

Enquanto o coração  
 Dizia: quero amar e ser amado,  
 O estômago bradava: quero pão!

2 2  
 Oh, bem feliz é o sêr afortunado  
 Que não sentiu a garra perfurante  
 Da vil necessidade  
 Empolgá-lo no instante  
 Cheio do sonho azul da mocidade!  
 Na luta pela vida,  
 Morrem atropelados  
 A ilusão mais querida  
 E os sonhos mais ousados.

Quem bem cedo remou contra a corrente,  
 Por ter nascido à contramão da sorte,  
 Conserva eternamente  
 Dessa luta de morte  
 O cansaço que gera o septicismo,  
 E mostra aos olhos d'alma  
 As voragens do abismo,  
 Matando até que os gênios mãos ensalma.

*amargo*  
 Do margor do infortúnio  
 Ele guarda o resaibo a vida inteira;  
 Só a esperança mune-o  
 A's vezes de alegria passageira.



3

Chegando á última estância  
Do caminho da vida,  
Ainda vejo á distancia  
O fantasma cruel da dor sofrida  
E ainda tremo de vel-o  
Seus dedos ponteagudos alongando  
De antigo pesadelo.

Vós, que outrora me amastes,  
Vós que me daes agora  
O consolo profundo  
De vosso maor <sup>amor</sup>superno,  
Bemdito sejaes vós, que me livrastes  
De viver neste mundo  
Como vivem os réprobos no inferno!